

MÉTODOS E TÉCNICAS APLICADAS À DISCIPLINA DE GEOLOGIA DE SUPERFÍCIE TERRESTRE: SERRA DO CIPÓ, ESPINHAÇO MERIDIONAL/MG

Neves, M.P.¹; Penha, U.C.¹; Ramos, A.P.C.¹; Brandão Jr., C.R.M.¹; Ferreira Jr., H.M.¹; Fernandes, N.W.O.¹; Mourão, R.C.¹

¹Centro Universitário de Belo Horizonte UNI-BH

RESUMO: A disciplina de Geologia de Superfície é uma matéria obrigatória do curso de Geologia do Centro Universitário de Belo Horizonte-Unibh, iniciado em 2013. Ela foi incluída na nova Matriz Curricular do curso, com o objetivo de ser uma ligação de conteúdos, antes de os alunos cursarem a disciplina de Sedimentologia e Petrologia Sedimentar. A ementa aborda exclusivamente os processos exógenos do planeta: tipos de intemperismo, formação de solos, erosão e deslizamentos de massa, transporte e deposição de sedimentos, além dos ambientes glacial, marinho, fluvial e eólico. A disciplina está associada à Geologia de Campo, com 20 horas, onde os estudantes aprendem técnicas e métodos voltados à compreensão da geologia regional e dos processos superficiais em cursos d'água e afloramentos da Serra do Cipó (nome local da Serra do Espinhaço Meridional), situada ao norte de Belo Horizonte. Às vésperas da atividade de campo, são apresentados em sala de aula a geologia regional, o roteiro de campo (disponibilizado na mídia do *Facebook* do curso), os processos geológicos acima citados e as técnicas de elaboração de croquis, de uso do GPS e de bússola de geólogo. No primeiro dia, o perfil incluiu uma trilha de 16 km dentro do Parque Nacional da Serra do Cipó (Decreto N° 90.223 de 1984), até a cachoeira da Farofa, onde os estudantes tiveram o primeiro contato no curso com a geologia paleo-mesoproterozoica da serra do Espinhaço: rochas metapsamíticas de ambientes eólico e costeiro da Formação Galho do Miguel, com estratos cruzados e marcas ondulares. Foram estudadas feições geomorfológicas (perfil de vertentes, relevo escarpado, drenagem encaixada, planície aluvionar, meandro), processos exógenos (dimensões, natureza, esfericidade, arredondamento e imbricamento de clastos fluviais, marcas de impacto fluvial, mecanismos de transporte dos tipos carga de fundo e de saltação). No segundo dia, o primeiro ponto foi no *mirante do Juquinha*, sobre quartzitos paleo-mesoproterozoicos da Formação Santa Rita, que estão sotopostos aos carbonatos neoproterozoicos de ambiente marinho raso da Formação Sete Lagoas (Grupo Bambuí), aflorantes na base de uma escarpa, constituindo uma inversão estratigráfica por falha de empurrão com vergência para oeste. Em seguida, em um mirante próximo ao *camping Vêu da Noiva*, foram feitas observações e croquis do Morro da Pedreira, cujos carbonatos e pelitos associados foram estudados em uma pedreira desativada dentro da APA Morro da Pedreira (Decreto N° 98.891 de 1990), com reconhecimento de feições cársticas (lapiês, fraturas abertas por dissolução), de estruturas sin-deposicionais (laminação plano-paralela), pós-deposicionais (veios de calcita e de quartzo) e tectônicas (falhas, dobras isoclinais recumbentes no carbonato e veios de quartzo dobrados e rompidos por estiramento). Este dia incluiu também uma caminhada pelo antigo *Caminho dos Escravos*, com visualização de marcas ondulares em quartzitos do Grupo Macaúbas (neoproterozoico, estratigraficamente abaixo do Grupo Bambuí) ao longo do rio Parauninha, que secciona, localmente, carbonatos neoproterozoicos, além de clastos aluviais desses carbonatos e de rochas quartzíticas. A articulação adequada dos conceitos geológico-geomorfológicos da dinâmica da superfície terrestre e a sua visualização e percepção tátil e visual em campo constitui um modo eficaz, quiçá único, do aprendizado.

PALAVRAS-CHAVE: GEOLOGIA DE CAMPO; TRANSPORTE E SEDIMENTAÇÃO; SERRA DO CIPÓ.